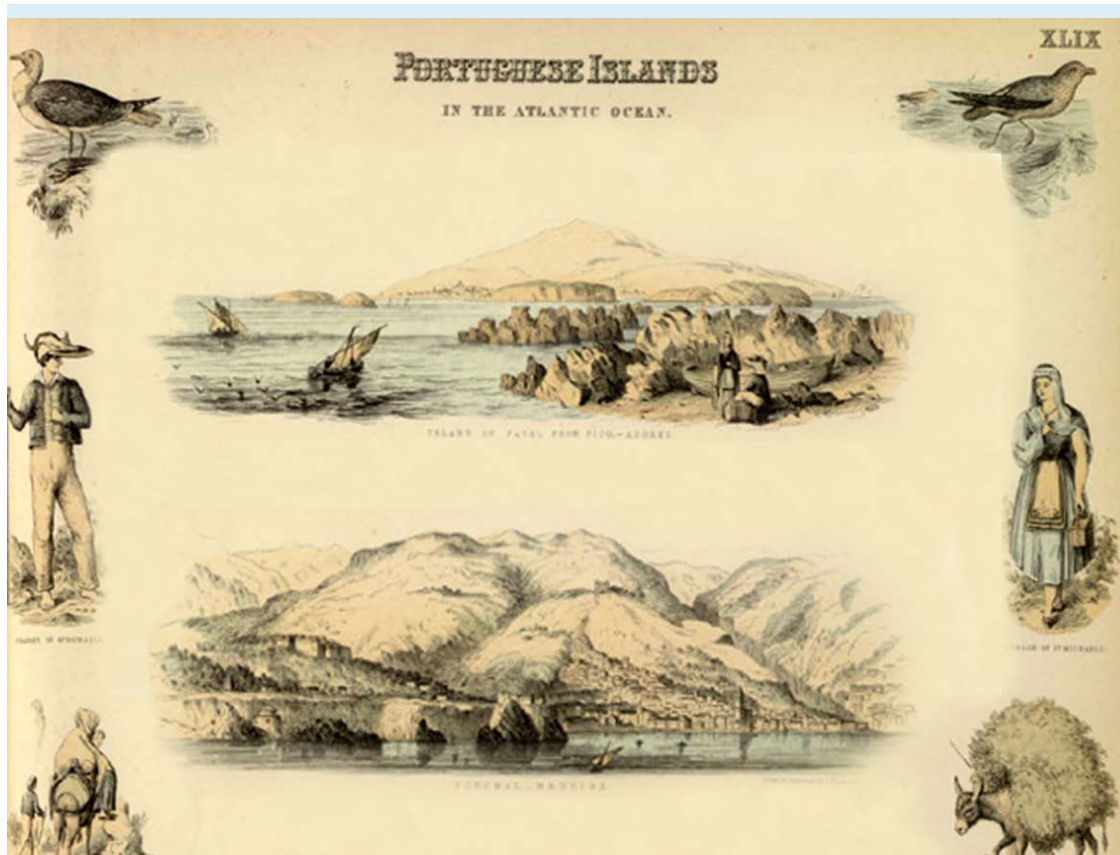


COLÓQUIO  
AÇORES E MADEIRA  
PERCURSOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE



## RESUMOS

29 e 30 JUNHO

Sala do Cabido da Misericórdia das Velas

2 JULHO

Casa da Madeira nos Açores





# Colóquio

## *Açores e Madeira: Percurso de memória e identidade*

### RESUMOS

Centro de História  
d'Aquém e d'Além-Mar  
**CHAM**  
Universidade Nova de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade dos Açores



Ponta Delgada / Velas

2016

## FICHA TÉCNICA

**Título:** Livro de resumos do Colóquio  
«Açores e Madeira: Percursos de memória e identidade»

**Local de Edição:** Ponta Delgada & Velas

**Edição:** Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa  
Universidade dos Açores

Casa da Madeira nos Açores

**Coordenação da Edição:** Duarte Nuno Chaves

**Comissão Editorial:** Ana Paula Diniz  
N’Zinga Oliveira  
Wellington Nascimento

**Autores:** Vários

**Capa:** Délia Henrique

**Imagem:** Cenery and animated lif: Madeira and Azores

**Depósito Legal:** 411457/16

**ISBN:** 978-989-8492-37-1

**Data de Saída:** Junho de 2016

**Tiragem:** 200 exemplares

**Execução Gráfica:** EGA - Empresa Gráfica Açoreana, Lda.

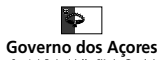
A responsabilidade pelo conteúdo dos resumos é única e exclusivamente dos autores.  
Este livro, não poderá ser reproduzido ou transmitido em qualquer formato ou por qualquer meio,  
sem autorização prévia da Comissão Organizadora. Todos os direitos reservados.

Também disponível em: Repositório da Universidade dos Açores <http://hdl.handle.net/10400.3/3811>

### Organização



### Apoio



**ENTIDADES PROMOTORAS**  
Casa da Madeira nos Açores (CMA)  
Centro de Estudos de História do Atlântico CEHA)  
Centro de História d' Aquém e d' Além-Mar (CHAM)  
Misericórdia das Velas, S. Jorge (MV)

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
Alberto Vieira  
Leonor Sampaio da Silva  
Américo Sousa Filipe  
Margarida Vaz do Rego Machado  
Ricardo Madruga da Costa  
Rute Dias Gregório

**COMISSÃO ORGANIZADORA**  
Ana Paula Diniz  
Duarte Nuno Chaves  
Frederico Maciel  
N'Zinga Oliveira  
Wellington Nascimento

### **Participantes:**

Alberto Vieira | Centro de Estudos de História do Atlântico - CEHA/  
DRC-MADEIRA

Carlos Cordeiro | Centro de Estudos Humanísticos da Universidade  
dos Açores e Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da  
Universidade de Coimbra (CEIS20)

Cláudia Faria | Centro de Estudos de História do Atlântico - CEHA/  
DRC-MADEIRA

Duarte Nuno Chaves | Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar -  
CHAM - FCSH/NOVA - UAc

Graça Alves | Centro de Estudos de História do Atlântico - CEHA/  
DRC-MADEIRA

Igor Espínola de França | Museu Carlos Machado – MCM

Isabel Soares de Albergaria | Centro de História d’Aquém e d’Além-  
Mar - CHAM - FCSH/NOVA - UAc

João Gonçalves Araújo | Associação Histórias Sábias - HS

Margarida Sá Nogueira Lalanda | Centro de História d’Aquém e  
d’Além-Mar - CHAM - FCSH/NOVA - UAc

Margarida Vaz do Rego Machado | Centro de História d’Aquém e  
d’Além-Mar - CHAM - FCSH/NOVA - UAc

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara | Universidade Aberta –  
UAb | CHAIA | IHA- ARTIS | CITAR

Maria Manuel Velasquez | Museu de Angra do Heroísmo - MAH

N’Zinga Oliveira | Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar -  
CHAM - FCSH/NOVA - UAc

Susana Goulart Costa | Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar -  
CHAM - FCSH/NOVA - UAc

Susana Serpa Silva | Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar -  
CHAM - FCSH/NOVA – Uac

## ***SUMÁRIO***

Nota introdutória

Programa

### **Sala do Cabido da Misericórdia de Velas Velas, 29 de junho de 2016**

Sessão Abertura

Resumo da Conferência de Abertura

### **Sala do Cabido da Misericórdia de Velas Velas, 30 de junho de 2016**

Resumo das comunicações

### **Casa da Madeira nos Açores Ponta Delgada, 2 de julho de 2016**

Sessão Encerramento

Resumo da Conferência de Encerramento






## *NOTA INTRODUTÓRIA*

Este livro de resumos tem como principal objetivo proporcionar a todos os participantes do Colóquio “Açores e Madeira: Percursos de memória e identidade” bem como a todos os interessados na temática em questão, o acesso a uma síntese dos trabalhos de investigação, apresentados no decorrer dos dias de trabalho, realizados em S. Jorge e S. Miguel, de 29 de Junho a 2 de Julho.

O Colóquio “Açores e Madeira: Percursos de memória e identidade” ocorre na sequência da parceria mantida pela Universidade dos Açores, através do Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar (CHAM) com a Santa Casa da Misericórdia das Velas (MV), tendo como resultado desta cooperação a concretização, desde 2011, de vários eventos culturais e científicos efetuados particularmente na ilha de S. Jorge, e de forma pontual em outras ilhas do arquipélago, como acontece na presente edição com uma atividade paralela a efetuar na ilha de S. Miguel.



Para a edição de 2016 é proposta a debate uma temática que visa promover e aprofundar uma reflexão crítica em torno dos domínios da formação identitária dos Açores e Madeira. O encontro reúne um conjunto diversificado de comunicações que espelham a realidade insular, numa cronologia alargada, permitindo assim uma viagem no espaço e no tempo, reproduzindo um conjunto de memórias capazes de contribuir para o estudo dos processos identitários dos dois arquipélagos. O colóquio realizar-se-á nos dias 29 a 30 de junho, na sala do Cabido da Misericórdia de Velas, S. Jorge, contando com uma atividade paralela no dia 2 de julho, na Casa da Madeira nos Açores (CMA), em S. Miguel.



Para além do CHAM e da MV este evento conta com a participação especial do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), instituição de investigação científica que tem por objetivo principal coordenar a investigação e promover a divulgação da história das Ilhas Atlânticas e ainda da Casa da Madeira nos Açores (CMA), organização comunitária que comemora em 2016 três décadas de existência e de participação na divulgação da cultura madeirense no arquipélago dos Açores.

Votos de uma boa leitura e um bom colóquio!

A Comissão Organizadora



***CONFERÊNCIA DE ABERTURA***

**Sala do Cabido da Misericórdia de Velas**

**Velas, 29 de junho de 2016**



**Alberto Vieira**

CEHA/DRC-MADEIRA

***MEMORIA E IDENTIDADE INSULAR.  
DE GASPAR FRUTUOSO À ATUALIDADE***

“(…) não há aldeia no mundo de que os seus moradores não contem grandes fundamentos de sua primeira habitação, e alguns fingidos, quero, Senhora, contar (...) os verdadeiros, pelo melhor modo que me foi possível saber, com muitas inquições, perguntas e vigílias, sem ter aceitação de pessoa, para deixar de falar a verdade sabida. E se isto de mim não crerem os maldizentes e murmuradores, que nunca no mundo faltaram, nem faltarão até ao fim dele, eu fico comigo satisfeita, que diante de Deus não terei culpa, nesta parte, (...) se algumas destas faltas tivera para me desviar da verdade das coisas que contei e contar quero.

Porque, posto que seja condição geral de todas as gentes, por darem antigos e ilustres princípios a sua linhagem, sempre fabularem coisas, a que a antiguidade, não testemunha (...) (pois falô entre vivos que, se não viram, ouviram) o que ouvi afirmar por muito certo a alguns antigos, dignos de fé desta ilha de S. Miguel, do que sabiam da origem e feitos de seus ilustres capitães, que dos da ilha da Madeira por linha masculina descendem. (...) direi verdadeiramente tudo quanto disser dos naturais desta ilha, reprovando alguns fingimentos antigos e ditos fora de propósito e razão, que não levam caminho de verdade, e aprovando os mais razoáveis e verdadeiros.”

(Frutuoso Gaspar, Livro Primeiro das Saudades da Terra, P. D., ICPD, 1977: 4)

Na História insular atlântica, como na dos espaços continentais, nos novos rumos delineados para a atual historiografia, assumem grande atualidade as questões em torno da História Oral, Histórias de Vida e Autobiografia. Paulatinamente, são delineados novos caminhos para a investigação que permitem uma nova forma de fazer História e que podem produzir novos resultados. Podemos, porém, perguntar-nos se não será isto um retorno às origens da Historiografia mundial e insular, consubstanciada, neste último caso, num retorno às metodologias frutuosianas da segunda metade do século XVI.

É aqui que situamos a necessidade de retomar a leitura da obra de Gaspar Frutuoso, entendendo as suas metodologias e formas de expressão do discurso histórico, pois, para além de ser uma das matrizes da História Insular, pode e deve ser a via que nos leva aos principais desafios da Historiografia. Daí que entendemos a nossa apresentação como uma homenagem merecida ao trabalho desenvolvido pelo ribeiragrandense Gaspar Frutuoso, no que respeita às ilhas atlânticas e a oportunidade para refletir acerca de alguns dos principais desafios que se colocam ao conhecimento e investigação nas ilhas, nomeadamente a compreensão e fundamentação para os caminhos que a investigação, no domínio da História, tem assumido nos últimos anos.

Temos o hábito de nos afirmarmos como inventores de realidades, discursos e formas de interpretação do presente ou passado, relegando para o baú do esquecimento aquilo que outros fizeram ou disseram. A nossa proposta vai no sentido contrário e procuramos encontrar elementos que apontam para similitudes nos discursos e escritas historiográficas, que nos obrigam a afirmar que, hoje, com a História Oral e Autobiográfica, estamos perante um retorno às origens que, para nós insulares, começa com Gaspar Frutuoso.

Desta forma, queremos que esta nossa re-leitura do atual discurso historiográfico seja um preito a Gaspar Frutuoso, porque foi ele o primeiro a valorizar as ilhas e a dizer-nos que o seu conhecimento só se pode fazer de forma integrada, sem separação de áreas do conhecimento. É aquilo a que hoje chamamos a Nissologia e que, em certa medida, tem Gaspar Frutuoso como seu patrono. O mérito de Gaspar Frutuoso,

porém, não passa apenas por esta dimensão multidisciplinar dos saberes, pois também devemos atribuir a ela a chamada de atenção e valorização para a História das Ilhas Atlânticas e o seu importante papel na expansão europeia.

Para além disso, o texto frutuosiano pode remeter-nos para um debate de questões em torno da memória e tradição e do seu entrosamento na definição de uma identidade do lugar, da ilha, ou arquipélago, que nos traz de volta a Gaspar Frutuoso, onde podemos, novamente, encontrar as vozes da sabedoria das ilhas e arquipélagos e que, de forma adequada, nos conduz ao discurso da Nesologia.

Para nós, insulares, as ilhas são quase sempre o centro do mundo, mas a Historiografia europeia sempre as definiu como escalas, como pontes entre o novo e o Velho Mundo, esquecendo, por vezes a sua identidade. Assim, esta forma de abordagem e conhecimento das sociedades insulares tem sido, em certa medida, um domínio de investigação histórica muito solicitado desde a década de quarenta do século XX. Desde Fernand Braudel, Pierre Chaunu, A. Rumeu de Armas, Frédéric Mauro, T. Bentley Duncan e Magalhães Godinho reconheceu-se a necessidade de um estudo atento da história insular, como componente basilar do conhecimento do processo histórico atlântico-europeu, mas sempre a partir da Europa, ignorando muitas vezes as suas inter-relações internas. Depois, a partir da década de oitenta do século XX, começou a ganhar forma outra visão do mundo insular, a partir de dentro, valorizando outros aspetos e indo ao encontro de uma realidade insular diferente, próxima daquela que deu forma ao discurso de Gaspar Frutuoso com as Saudades da Terra.

Uma breve reflexão em torno de algumas temáticas fundamentais do atual discurso e investigação histórica revela que aquilo que parece novo já está presente, há muito tempo, na feitura e re-leitura da História Insular. Por isso, se como ilhéus, atendermos às lições da Historiografia insular, seremos forçados a considerar o novo como velho e o velho como novo, revalorizando o protagonismo do passado e da tradição que a História tem por vocação atender. Desta forma, estaremos em condições de, valorizando e aceitando a Historiografia do passado,



possamos justificar as atuais linhas do discurso e investigação Histórica. Há, na verdade, necessidade de olhar para o passado com outro olhar e apagar esta mania criacionista do presente.

**Nota Curricular:**

ALBERTO VIEIRA. N.1956. S. Vicente Madeira. Títulos Académicos e Situação Profissional: 2016- Coordenador do CEHA e de projetos de investigação; 2013-2015: Diretor de Serviços do CEHA; 2008- Presidente do CEHA, 1999 - Investigador Coordenador do CEHA; 1991- Doutor em História (área de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa), na Universidade dos Açores; 1980. Licenciatura em História pela Universidade de Lisboa. ATIVIDADE CIENTÍFICA. Pertence a várias academias da especialidade e intervém com consultor científico em publicações periódicas especializadas. É Investigador-convidado do CLEPUL-Lisboa. Membro da Catedra Infante Dom Henrique. Desenvolveu trabalhos de investigação nos domínios da História do Meio Ambiente e Ecológica, História da Ciência e da Técnica, O Mundo das Ilhas e as Ilhas do Mundo, História da Autonomia, História da Ciência e da Tecnologia, História da Escravatura, História da Vinha e do Vinho, História das Instituições Financeiras, História do Açúcar. Atualmente desenvolveu estudos e coordena projetos sobre História Oral /Autobiográfica, com os projetos: MEMORIAS das Gentes que fazem a História; NONA ILHA- as Mobilidades Madeirenses; AUTONOMIA. Memórias e testemunhos. PUBLICAÇÕES. Tem publicado diversos estudos, em livros e artigos de revistas e atas de colóquios, sobre a História da Madeira, dos espaços insulares atlânticos, da Nissologia/Nesologia e sobre os temas de investigação referidos acima. Informação curricular desenvolvida em: <https://app.box.com/s/248a0h637wi5llm26o66o9bbw2kd182z>.

*1º PAINEL*

**Sala do Cabido da Misericórdia de Velas**

**Velas, 30 de junho de 2016**



**Margarida Sá Nogueira Lalanda**

**CHAM - FCSH/NOVA – Uac**

**Título:** *A escrita da memória em Câmaras Municipais da Madeira e dos Açores na Idade Moderna*

**Palavras-chave:** Municípios | Escrivão da Câmara | Vereações | Posturas | Comunicação.

**Resumo:**

A organização municipal no arquipélago dos Açores e no da Madeira tem sido já alvo de diversos bons estudos académicos; a novidade da presente comunicação consiste na análise dos modos como os escrivães e os oficiais camarários destes espaços nos séculos XVI e XVII entendem a necessidade de registar as práticas institucionais e de formar a memória dos seus contemporâneos e a dos futuros elementos das suas comunidades insulares.

**Referências Bibliográficas:**

- *O Município no Mundo Português. Actas do Seminário Internacional.* Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1998.
- *Os municípios no Portugal Moderno: dos forais manuelinos às reformas liberais.* Editoras: Mafalda Soares da Cunha, Teresa Fonseca. Lisboa/Évora: Edições Colibri/ CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, 2005.
- *História do Municipalismo. Poder Local e Poder Central no Mundo Ibérico.* Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2006.
- *Posturas municipais portuguesas (séculos XIV-XVIII).* Editores: Maria Filomena Lopes de Barros, Mário Viana. Ponta Delgada: Centro de Estudos Gaspar Frutuoso/ CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, 2012.

**Nota Curricular:**

Margarida Sá Nogueira Landa. Doutorada em História da Cultura e das Instituições, Professora na Universidade dos Açores, e Investigadora Integrada do CHAM.

Interessa-se por: história dos séculos XV a XVIII; história do Atlântico; história da Europa; história de Portugal; história dos Açores; história insular; história da cultura; organização da sociedade; comportamentos e valores culturais; estruturas e vivências religiosas; Clarissas; municipalismo; história comparada; história local e regional; documentação e arquivos; a comunicação e a História.

**Graça Alves**

CEHA/DRC-MADEIRA

**Título:** *Do lado de lá [Mobilidade, Memória e Identidade: um estudo de caso]*

**Palavras-chave:** Memória | Identidade | Mobilidade | Lugar | Museu

**Resumo:**

No coração da ilha da Madeira, num lugar resguardado dos olhares menos atentos, chamado Fajã da Murta, freguesia do Faial, esconde-se o Museu da Família Teixeira. Ali, a identidade da família concretiza-se em vários sinais que se espalham por toda a área visitável: na genealogia gravada nas paredes e bordada na calçada do chão, na minúcia das construções, nos objetos expostos, nos pormenores e, sobretudo, nas fotografias que, a todo o instante, presentificam o passado – da família e da terra - e o valorizam.

Mostraremos este lugar-memória de Aneclét Teixeira de Freitas, o seu proprietário e autor. Mostraremos de que forma ele veio devolver à terra - que lhe ensinou o valor do suor e das lágrimas - o talento que a terra lhe tinha dado, no dia em que, depois de ter regressado da Venezuela, com doze anos e ter olhado para o que (não) era o mundo, jurou vencer.

Propomo-nos apresentar a história de vida deste homem, o dono do império Rey David, a partir deste lugar, porque ele é este lugar: é aqui que se guarda como essência, é aqui que vem buscar o que o mundo lhe rouba; é aqui que se permite ser. Serão tecidas, então, algumas linhas de leitura sobre esta construção: a memória, a simbologia, a identidade. Trata-se de um lugar de dentro, um lugar íntimo que o seu autor quis tornar público, por gratidão, por dever, por necessidade de manter viva a memória e de não deixar morrer o espírito primeiro do lugar.

### **Referências Bibliográficas:**

- ALBUQUERQUE, Martim de, 1974, *A Consciência Nacional Portuguesa*, Lisboa, ed. do autor;
- FISCHER, G.-N. (1981). *La psychosociologie de l'espace*. Paris: Presses Universitaires de France ; GILLIS, John R., 1994, *Commemorations. The Politics of National Identity*, Princeton, Princeton University, Press; JACQUES, M. das G. C. (1998).
- Identidade. In M. das G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos, & T. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea* (pp. 159-167). Petrópolis: Vozes.

### **Nota Curricular:**

Graça Maria Nóbrega Alves nasceu na Madeira. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e é professora do Ensino Secundário, destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico, onde tem desenvolvido projetos ligados à literatura e às histórias de vida.

É autora dos livros: *Um pingo de sol na areia*, 2008; *"O Sétimo Dia"* - 2005 e *"Foi o Mar"* - 2007, reeditados em 2009, integrados na obra *São Vicente em Fundo*; *Meu Simão daquela tarde*, 2010; *Contra a Corrente*, 2011; *La curva de la Felicidad*, 2013; *Constança*, 2013; *A Chave*, 2015. É coautora das obras: *Biblioteca Digital de Autores Insulares*, Irene Lucília Andrade, CEHA, 2011; *Paisagens Literárias (A Madeira nos contornos da escrita)*, uma edição do CEHA, 2014 e *Cartas no Intervalo da Guerra*, 2015, do CEHA.

**Susana Serpa Silva**  
CHAM - FCSH/NOVA – UAc

**Título:** *A Guerra Colonial vista à luz das memórias*

**Palavras-chave:** Guerra Colonial | memórias | fontes | investigação

**Resumo:**

A Guerra Colonial, pelo grande impacte que teve na História recente de Portugal, tem sido, nos últimos anos, tema central de vários estudos, alguns deles baseados nas memórias dos combatentes ou dos seus familiares. A proximidade temporal ainda permite o recurso aos testemunhos pessoais, na medida em que, muitos dos protagonistas estão vivos e mantêm, na sua posse, inúmeros objetos e fontes que permitem diferentes leituras e abordagens desta problemática. Urge, porém, salvaguardar muitas dessas memórias e “arquivos” pessoais, sob pena de se perderem de forma totalmente irrecuperável. Esta comunicação pretende não apenas reforçar a importância deste tipo de testemunhos e de fontes, com base em documentos facultados por alguns combatentes e seus familiares (especialmente oriundos da ilha de S. Miguel – Açores), mas procura igualmente lançar as bases do que poderá vir a ser um relevante projeto de investigação, à escala regional ou nacional.

**Referências Bibliográficas:**

- JOÃO, Maria Isabel, “Memória e História: os problemas e o método”, in Maria Beatriz Rocha-Trindade e outra, org., História, Memória e Imagens nas Migrações, Oeiras, Celta Editora, 2005, Cap.I.
- JOUTARD, Philippe, Histoire et Mémoires. Conflits et alliance, Paris, La Découvert, 2013.
- QUINTAIS, Luís, As Guerras Coloniais Portuguesas e a invenção da História, Lisboa, ICS, 2000.
- RIBEIRO, Margarida Calafate, África no Feminino. As mulheres portuguesas e a Guerra Colonial, Porto, Afrontamento, 2007.

**Nota Curricular:**

Susana Serpa Silva é doutorada em História Contemporânea pela Universidade dos Açores. Professora Auxiliar e actual directora do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores. Membro da comissão redactorial da revista Arquipélago-História. Investigadora integrada do CHAM (UNL e UAc) e investigadora convidada do LABIMI - Universidade Federal do Rio de Janeiro.





***2º PAINEL***

**Sala do Cabido da Misericórdia de Velas**  
**Velas, 30 de junho de 2016**



**Isabel Soares de Albergaria**

CHAM - FCSH/NOVA – UAc

**Título:** *Turismo de jardins na Madeira e nos Açores, que perspectivas?*

**Palavras-chave:** jardins históricos da Madeira e dos Açores | turismo de jardins | singularidade e identidade | património cultural | recursos turísticos

**Resumo:**

O ecoturismo e o turismo de jardins têm sido alvo de uma enorme e crescente procura à escala global. Refira-se que em 2000 mais de 150 milhões de pessoas visitaram jardins públicos em todo o mundo (W. Jackson and Sutherland, 2000); nos EUA o número de viajantes que se deslocam a jardins supera já os visitantes da Disneyland e Disneyworld (R. Benfield, 2013) e em França um dos monumentos que bate recordes em número de visitantes é o Chateau e jardins de Villandry. A apetência pelas formas de lazer ativo ao ar livre, o especial carinho e curiosidade votados às plantas e à jardinagem, associados a práticas sustentáveis e “amigas do ambiente” estão na origem do fenómeno. Viajar com o objetivo de visitar jardins é hoje uma realidade, reveladora da existência de um nicho de mercado com uma expressão não desprecianda, cujas vantagens, além de económicas, residem na conservação e recuperação de um valioso património histórico.

O potencial reservado ao turismo de jardins, em Portugal, não tem passado despercebido, sendo já cerca de 20 os operadores que atuam no sector (destes seis são portugueses), com uma oferta total de quase 30 jardim incluídos em pacotes turísticos, rotas e itinerários portugueses. Neste contexto, a notoriedade do “Destino” Madeira, bem como a visibilidade dos seus jardins, não tem paralelo com a realidade açoriana, constituindo um dos casos de maior sucesso a nível nacional.

A partir da caracterização dos jardins como recurso cultural, associado à identidade local, a presente comunicação pretende identificar as potencialidades dos jardins madeirenses e açorianos no âmbito do turismo de

jardins. Através da aplicação de uma análise SWOT procurar-se-á determinar as vantagens de uma oferta integrada, assente na singularidade e identidade deste rico património insular.

### **Referências Bibliográficas:**

- Albergaria, I. S. (2012): *Jardins e Espaços Verdes dos Açores*. Associação de Turismo dos Açores. Ponta Delgada.
- Benfield, R. (2013). *Garden Tourism*. London, Butterworth Heineemann – Elsevier.
- Carvalho, P & Silva, S. (2013): "Historic gardens: heritage and tourism". University of Coimbra - CEGOT. Coimbra.
- Quintal, R (2009): "A importância dos jardins como nicho turístico na Madeira". In: Simões, J. M. e Ferreira, C.C. (Eds) - *Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, pp. 71-93.

### Nota Curricular:

Isabel Soares de Albergaria. Professora Auxiliar da Universidade dos Açores (Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais), investigadora integrada do Centro de História d'Aquém e d'Além Mar (CHAM) da FCSH da Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores, além de colaboradora do ICIST (IST-UTL) e do CITAR (Universidade Católica do Porto). É ainda membro não votante do ICOMOS (UNESCO) para o painel Paisagens Culturais. Desde 1988 tem dedicado especial atenção às questões do património paisagista e arquitetónico, da encomenda, da história da construção e da configuração do território e da paisagem. Entre as obras publicadas destacam-se: *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel: 1785-1885*. Lisboa: Quetzal Editores, 2000; *Jardins e Espaços Verdes dos Açores*. Ponta Delgada: ATA, 2012; *Açores em Vista Aérea/ Azores in Aerial View* (co-autoria com Rui Monteiro e Filipe Jorge), Lisboa: Argumentum, 2008, além da participação em oito obras coletivas, oito artigos em revistas especializadas e nove trabalhos em atas de eventos. Possui 68 itens de produção técnica. Participou em 32 eventos nacionais e 17 internacionais, dos quais sete no estrangeiro.

## Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara

UAb | CHAIA | IHA- ARTIS | CITAR

**Título:** *Azulejaría barroca em S. Miguel: Dinâmicas decorativas notas para uma visita*

**Palavras-chave:** Património Integrado | Identidade | Azulejo barroco | programa iconográfico.

### Resumo:

Torna-se incontornável reconhecer que a arte do azulejo em Portugal e também em espaço atlântico tem na sua relação intrínseca com a arquitetura, uma inegável originalidade, que muitos estudos têm abordado e desenvolvido.

Pretende-se nesta comunicação traçar num quadro geográfico centrado na ilha de S. Miguel, uma sucinta reflexão sobre a espacialidade barroca, destacando o azulejo enquanto agente e elemento metamorfoseador desse mesmo espaço físico.

Encontrando eco em todo o arquipélago dos Açores, é sem dúvida na ilha de S. Miguel que se localizam em maior número de exemplares, conjuntos azulejares situados nos séculos XVII e XVIII que se inscrevem nas principais tendências da azulejaria portuguesa.

No decurso de Seiscentos e de Setecentos o azulejo foi utilizado em quase toda a ilha como revestimento total ou parcial de interiores de igrejas paroquiais, conventuais e monásticas, mas também em ermidas ou capelas edificadas em pequenas povoações rurais próximas ou afastadas dos principais centros populacionais.

Seguindo o ritmo de evolução estética, temática e técnica, a ilha de S. Miguel apresenta um panorama azulejar vasto, demonstrando bem a importância de muitos revestimentos azulejares que se conservam ainda *in situ*, apesar de alguns exemplares estarem desligados dos seus contextos originais resultando de uma certa incúria humana.

O propósito desta abordagem é necessariamente amplo e abrangente, não privilegiando análises extensas de programas iconográficos, nem demoradas biografias de pintores de azulejo. Quisemos sim, provocar um estímulo e desafio ao estudo deste património identitário na cultura portuguesa.

**Referências Bibliográficas:**

- ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de - *Lembranças sobre azulejos existentes em S. Miguel*. Insulana. 4 vol. IV 1948, pp. 420-483.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da; VERÃO, Maria Teresa - *A Azulejaria de Setecentos nas Igrejas Conventuais na Cidade da Horta: Principais Dinâmicas Decorativas*. Boletim Cultural da Horta. Angra do Heroísmo. 20,2011, pp. 141-156.
- CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da - *O Azulejo Barroco. O Estudo e a Investigação em Portugal*. Revista do Instituto de História da Arte. Lisboa: FCSH/UNL. 9 2012, pp. 117-135.
- CARVALHO, Rosário Salema de - *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]. Autorias e biografias - um novo paradigma*. [S.l.: s.n.], 2012. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SIMÕES, João Miguel dos Santos - *Azulejaria portuguesa nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

**Nota Curricular**

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara. Historiadora de Arte. Doutora e Mestre em História da Arte. É docente na Universidade Aberta onde se doutorou em 2002. Tem a cargo diferentes unidades curriculares sobre História da Arte e Património Histórico e Artístico e a Coordenação do Mestrado em Estudos do Património. As suas áreas de investigação são as Artes Decorativas, e o Património artístico do barroco (séculos XVII e XVIII). É investigadora do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora, do Centro de Investigação e Tecnologia das Artes - Universidade Católica. Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa – Delegação Porto (CITAR) (Linha de Artes Decorativas) e do Instituto de História da Arte -ARTIS - FLUL. Interessa-se pela História de Lisboa - Arquitetura e Urbanismo. Foi investigadora responsável do projeto financiado pela Fundação para a Ciência e tecnologia 2005-2008 sobre o Inventário do Azulejaria Portuguesa do século XVIII - Constituição de Repertórios iconográficos.

**Maria Manuel Velasquez Ribeiro**  
**Susana Goulart Costa**

MA

CHAM - FCSH/NOVA – UAc

**Título:** *Museologia e trabalho colaborativo: uma experiência na primeira década do século XX envolvendo a Terceira, S. Jorge e a Madeira*

**Palavras-chave:** Museus nos Açores | S. Jorge | Madeira | Acervos colaborativos | Redes

**Resumo:**

Inaugurado em 1908, em Angra do Heroísmo, o Museu Açoriano é a segunda experiência museológica realizada na ilha Terceira. Projeto que parte da iniciativa da comunidade escolar local, uma parceria entre o Conselho Escolar e a Escola Industrial Madeira Pinto, assinalam-se-lhe diferentes originalidades. Por um lado a da sua missão regional, revelada na própria designação do museu, e otimizada pela constituição de uma Galeria dos Açorianos Ilustres; por outro lado, a representação do arquipélago centrada no seu potencial industrial, de forma que o museu acompanha o emergente movimento dos museus industriais; por último, as modalidades cooperativas de constituição do acervo que contou com a organização de comissões paroquiais e de uma rede de colaboradores que se estendeu, também, a S. Jorge e à Madeira.

O papel da imprensa local constituir-se-á como factor determinante na constituição e divulgação quer do projecto quer das redes que o suportaram.



### Referências Bibliográficas:

- *A União*. 1905-1907. Angra do Heroísmo
- *O Dia* 1905-1907. Angra do Heroísmo
- CAMPOS, Alfredo Luís de. 1928. *Memória da Visita Régia à Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo, Imp. Municipal
- MARTINS, Rui de Sousa. 2000. "Artes e ofícios, exposições industriais, projectos museológicos e desenvolvimento no arquipélago dos Açores", in *1º simpósio Artes e Ofícios dos Açores*. Ponta Delgada, Centro Regional de Apoio ao Artesanato:25-36
- RIBEIRO, Luís da Silva. 1940. *Museu Distrital Almeida Garrett de Angra do Heroísmo: Plano Geral do Museu e Projecto de Regulamento Interno*. Relatório apresentado à Junta Geral Autónoma do distrito em Novembro de 1940

### Notas Curriculares:

Maria Manuel Velasquez Ribeiro. Licenciada em História e Pós-Graduada em História Insular e Atlântica, Meste em Museologia.

Técnica superior do Museu de Angra do Heroísmo, exerceu entre 2003 e 2011 as funções de Chefe de Divisão do Património Móvel e Imaterial da Direção Regional da Cultura.

Tem como principais áreas de investigação a história da museologia açoriana e os processos de patrimonialização de bens, as dinâmicas do colecionismo privado e, dentro dele, a construção de discursos identitários, temas sobre os quais tem publicado vários estudos e artigos.

É responsável pelo projeto Collectio que, no âmbito do Instituto Histórico da Ilha Terceira, instituto de que é sócia efetiva, procede ao levantamento e estudo do colecionismo privado terceirense entre meados dos séculos XIX e XX.

Susana Goulart Costa. Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Doutorada em História pela Universidade dos Açores.

Docente na Universidade dos Açores, na qual lecciona disciplinas da área da História, Museologia e Património Cultural em cursos de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento.

É coordenadora do Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento da Universidade dos Açores e do Doutoramento em História Insular e Atlântica (séculos XV-XX) da Universidade dos Açores.

Investigadora Integrada do CHAM (Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores & Investigadora Colaboradora do CITAR (Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes da Universidade Católica Portuguesa).

É Membro da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja da Diocese de Angra.



*3º PAINEL*

**Sala do Cabido da Misericórdia de Velas**  
**Velas, 30 de junho de 2016**



**Igor Espínola de França**

MCM

**Título:** *O contributo madeirense no povoamento dos Açores*

**Palavras-chave:** Açores | Madeira, |Origem geográfica | Povoamento  
Identidade

**Resumo:**

A comunicação versará sobre o contributo que a Madeira, quer a nível da ocupação humana, quer a nível do modelo de estruturação social, quer ainda a nível da humanização da paisagem, prestou ao arquipélago dos Açores povoado mais tardiamente. No que respeita ao povoamento serão definidos dois momentos de análise. Num primeiro momento, de âmbito arquipelágico, são identificados indivíduos em diversas ilhas com origem na Madeira, ou que pelo menos aí viveram por algum tempo tendo-se depois fixado nos Açores. Num segundo momento será analisado o exemplo micaelense caracterizado pela compra, em 1474, da capitania por um madeirense, Rui Gonçalves da Câmara, filho de João Gonçalves Zarco, descobridor e capitão do Funchal, e pela subsequente distribuição de terra a companheiros seus que com ele vieram viver na ilha de São Miguel.

**Referências Bibliográficas:**

- França, Igor Espínola de. 2014. *São Roque do Pico e as suas famílias. – Do povoamento ao século XVIII*. Edição de autor. São Roque do Pico.
- Frutuoso, Gaspar. Saudades da Terra.
- Gregório, Rute Dias. 2005. *Terra e Fortuna – Nos Primórdios da ilha Terceira (1450 – 1550)*. Tese de doutoramento defendida na Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Rodrigues, Rodrigo. 2008. *Genealogias de São Miguel e Santa Maria*. Dislivro Histórica.

**Nota Curricular:**

Igor Espínola de França. Assistente Convidado na Universidade dos Açores onde leccionou nos preparatórios de Arquitectura até Fevereiro de 2013, em acumulação com a leccionação no mestrado de Património, Museologia e Desenvolvimento onde continua a exercer actividade docente. Licenciado em Arquitectura pela FA da Universidade Técnica de Lisboa (1987), e mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores (2009). Concluiu o ano curricular do doutoramento em Arquitectura, ramo de história da arquitectura, pelo IST da Universidade Técnica de Lisboa. Membro do Conselho consultivo do Museu Carlos Machado, e da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da ilha de São Miguel.

Desde 1990 tem dedicado especial atenção às questões da reabilitação do património arquitectónico, área onde tem exercido actividade como projectista, tendo ainda proferido conferências e publicado artigos. Presta colaboração e consultoria em áreas como a Museologia, ordenamento do território e património edificado. Paralelamente desenvolveu investigação no âmbito da Genealogia, domínio em que publicou um artigo e a obra São Roque do Pico e as suas famílias – do povoamento ao século XVIII.

**N'Zinga Oliveira**

CHAM - FCSH/NOVA – UAc

**João G. Araújo**

HS

**Título:** *Fragmentos do quotidiano conventual: O Contributo do espólio arqueológico do Convento Nossa Senhora da Esperança (séculos XVI-XIX)*

**Palavras-chave:** Loiça Conventual | Arqueologia da época Moderna | Arqueologia nos Açores | Convento N.S. da Esperança

**Resumo:**

No âmbito do projeto de conservação, restauro e reabilitação do Convento de Nossa Senhora da Esperança, iniciado em 2015 e ainda em curso, apresentamos resultados preliminares de um conjunto heterogéneo de fragmentos do quotidiano conventual, resultantes da intervenção arqueológica de salvaguarda do património. Nesta fase de estudo, importa estabelecer paralelos às demais coleções exumadas em contextos similares e em contextos regionais, tanto no arquipélago dos Açores como na Madeira. Esta aparenta ser numa primeira análise, um ponto de partida para acompanhar os circuitos comerciais e de contacto das ilhas do Atlântico ao longo da Época Moderna.

De facto, o estudo de espólio exumado de intervenções arqueológicas é um contributo irrefutável para a compreensão dos circuitos, dos centros produtores e dos centros recetores de cerâmica, transversal no tempo. São disso exemplo fragmentos de: cerâmica de produção Valenciana e cerâmica Malagueira (século XVI); cerâmica de produção Sevilhana, cerâmica comum de importação e de produção regional, faianças portuguesas, porcelanas Chinesas (século XVII - XVIII); cerâmica de produção Inglesa, cerâmica comum de importação e produção regional (XIX).



**Referências Bibliográficas:**

- GUTIÉRREZ, Alejandra, *Portuguese coarsewares in early modern England: reflections on an exceptional pottery assemblage from Southampton*, in *Society for Post-Medieval Archaeology* 41/1 (2007), pp. 64 –79.
- SOUSA, Élvio, *Ilhas de arqueologia- o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*, Tese de doutoramento, História (História Regional e Local), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2012.

**Notas Curriculares:**

N'Zinga Oliveira. Licenciada em História - variante de Arqueologia, pela Universidade Nova de Lisboa e mestre em História Insular e Atlântica pela Universidade dos Açores. Arqueóloga de profissão colabora e coordena projetos de investigação e salvaguarda de arqueologia subaquática e terrestre, em Portugal continental e no arquipélago dos Açores. Membro da direção da Associação HistóriaSábias - Património Cultural, Artístico e Arqueológico e assistente de investigação do CHAM, onde colabora atualmente em projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial, e, de consultoria de património arqueológico.

João Gonçalves Araújo. Licenciado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e mestre em Arqueologia pela mesma instituição. Arqueólogo de profissão, colaborou em projetos de investigação e salvaguarda de arqueologia em Portugal continental, em contexto académico e autárquico, e no arquipélago dos Açores. De momento colabora no projeto de intervenção arqueológica do Convento Nossa Senhora da Esperança em Ponta Delgada como arqueólogo responsável de campo, e com a Associação Histórias Sábias – Património Cultural, Artístico e Arqueológico, da qual é sócio.

## Margarida Vaz do Rego Machado

CHAM - FCSH/NOVA - UAc

**Título:** *Ponta Delgada e Funchal: entre contrato do tabaco e a luta pela sua abolição.*

**Palavras-chave:** Tabaco | contrato | produção | exportação | Funchal (Madeira) | Ponta Delgada

### Resumo:

Nesta comunicação pretende-se fazer um paralelismo entre as cidades de Ponta Delgada (Açores) e Funchal (Madeira), no período correspondente aos finais do século XVIII e ao século XIX, relativamente à questão dos Tabacos. Em primeiro lugar, procuraremos analisar o papel de ambas as cidades no âmbito do Contrato Geral do Tabaco. Em segundo lugar, trataremos das lutas insulares desencadeadas contra os bloqueios promovidos pelo contrato e, em seguida, do incremento e das especificidades da produção, da manipulação e exportação do Tabaco.

### Referências Bibliográficas:

- Margarida Vaz do Rego Machado, «O Contrato do Tabaco nos finais do Antigo Regime e início do Liberalismo: sua importância na economia açoriana», in : Santiago de Lúxan,. *Política y hacienda del tabaco en los Imperios Ibérico (siglos Z XVII-XIX)*, Madrid, ALTADIS, Centro de Estudos Poítico y constitucionales, 2014, pp.71 a 176.
- Maria Isabel João, *Os Açores no século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*, Lisboa, Edições Cosmos, 1991,p,54
- Santiago de Lúxan , *Política y hacienda del tabaco en los Imperios Ibérico (siglos Z XVII-XIX)*, Madrid, ALTADIS, Centro de Estudos Poítico y constitucionales, 2014.
- Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, *Considerações sobre o proveito e cultura do tabaco em S. Miguel, acompanhada por documentos relativos*, Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense,1848, pp. 9 e 14.;

**Nota Curricular:**

Margarida Vaz do Rego Machado. Doutorada em História Moderna, é Professora Auxiliar na Universidade dos Açores. O seu trabalho tem-se centrado no estudo da economia e da sociedade açoriana, com particular enfoque no século XVIII e nas Elites e Empresas Mercantis. A inserção dos Açores no mundo atlântico e as redes mercantis aí organizadas são um campo de investigação constante. Atualmente, o seu objeto de estudo incide sobre dois grandes temas: a escravatura nos Açores e a importância da economia gerada pelo Tabaco, em particular através do dinamismo do seu comércio no contexto de um “sistema atlântico do tabaco”. Dentro destas duas temáticas, integra dois projectos internacionais – STARACO (Réseau scientifique autour de la question du phénomène de racialisation dans le monde atlantique) e SAT (El Sistema Atlántico del Tabaco Ibérico - 1684-1852).

Coordenadora do Mestrado de História Insular e do Atlântico (séculos XV a XX). Membro da comissão redactorial da revista Arquipélago-História.

*4º PAINEL*

**Sala do Cabido da Misericórdia de Velas**  
**Velas, 30 de junho de 2016**



**Duarte Nuno Chaves**  
CHAM - FCSH/NOVA - UAc

**Título:** *As visitasões de Fr. Bartolomeu Ribeiro aos arquipélagos da Madeira e Açores na primeira metade do século XX: Contributo para o estudo dos Terceiros Franciscanos*

**Palavras-chave:** Acção Católica | Franciscanos | Liberalismo | Terceiros | Visitasões

**Resumo:**

A presente comunicação é o resultado de parte de uma investigação mais profunda, a qual se propõe analisar o fenómeno relacionado com a preparação das imagens de vestir da procissão dos Terceiros Franciscanos no arquipélago dos Açores. Esta investigação, encontra-se inserida no nosso projeto de doutoramento em História da Arte que decorre atualmente na Universidade de Évora.

Falar da atividade dos terceiros franciscanos, ou dos irmãos da penitência, como também são conhecidos nas atuais regiões insulares portuguesas, é reconhecer um importante legado do património cultural madeirense e açoriano, na sua vertente material e imaterial, nomeadamente na preparação e execução dos cortejos processionais realizados na época da Quaresma, na generalidade destas ilhas.

Nas décadas de 1930 e 1960 do século passado, os frades menores empreenderam um conjunto de visitasões às então denominadas ilhas adjacentes, tendo como missão revitalizar o movimento terciário franciscano, nestas regiões, entretanto fragilizado pelo advento do liberalismo no século XIX e pela introdução do movimento da Acção Católica no início do século XX. No seguimento dessas missões repercutimos alguns elementos registados por um desses frades, Bartolomeu Ribeiro, franciscano formado no Convento Montariol (1893 a 1900), importante casa religiosa dedicada aos estudos da Filosofia e Teologia. As visitasões de Fr. Bartolomeu Ribeiro é uma importante fonte para o estudo da presença dos franciscanos seculares nestas regiões insulares durante o século XX.

**Referências Bibliográficas:**

- MONTE ALVERNE, Agostinho de (Fr.). 1994. *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, 3 vols. Ponta Delgada, Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2ª edição.
- CHAVES, Duarte Nuno. 2013. *Os Terceiros e os seus “santos de vestir”: os últimos guardiões do património franciscano na cidade da Ribeira Grande, S. Miguel*. DHFCS, Dissertações de Mestrado, Repositório da Universidade dos Açores: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/2142>
- COSTA, Susana Goulart. 2008. “A Igreja: implantação, práticas e resultados”, in *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, vol. I: pp. 173-187.
- RIBEIRO, Bartolomeu (Fr.). 1949. “Açores, arquipélago franciscano”, in *Colectânea de Estudos n.º 5*. Braga: pp. 35-79.

**Nota Curricular:**

Duarte Nuno Chaves. Natural da cidade do Funchal é mestre em Património Museologia e Desenvolvimento, pela Universidade dos Açores e licenciado em Património Cultural, pela mesma instituição de ensino superior.

Promove actualmente, investigação académica no âmbito do Programa de Doutoramento em História da Arte, da Universidade de Évora. A sua investigação incide no estudo das tradições processionais da Ordem Terceira da Penitência nos séculos XVII a XIX, em particular no contexto da atividade de catequização que os franciscanos desenvolveram no arquipélago dos Açores, designadamente na utilização das “Imagens de Vestir”. É assistente convidado na Universidade dos Açores, leccionando nas licenciaturas em História e Turismo. É ainda investigador do Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar (CHAM) no qual é Bolseiro de Gestão em Ciência e Tecnologia da FCT, integrando a equipa de investigação deste centro na Universidade dos Açores.

Coordena vários projetos de Mediação Cultural e Educação Patrimonial, junto das escolas do ensino básico e secundário, na ilha de S. Miguel, desenvolvendo ainda atividades nas áreas do Património e Museologia.

**Carlos Cordeiro**

CEIS20

**Título:** “ «*Se a Madeira quisesse...*». *Em busca de uma frente insular pró-autonomia (1921-1923)* “

**Palavras-chave:** Centralismo | Autonomia | Regionalismo | I República.

**Resumo:**

Na presente comunicação procura analisar-se as iniciativas levadas a efeito visando a união dos parlamentares dos três distritos autónomos insulares – Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Funchal (o da Horta não tinha aderido ao decreto descentralizador de 2 de Marco de 1895) – com o objectivo de, nas respectivas câmaras, defenderem em conjunto o aprofundamento das prerrogativas autonómicas contra o centralismo do Estado.

Vários jornais dos referidos distritos contribuíram para criar junto da opinião pública um ambiente propício ao apoio popular às reivindicações descentralizadoras e as próprias juntas gerais dos distritos de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo criaram “grandes comissões” de estudo para a elaboração de um projeto autonomista comum aos três distritos.

Encetaram-se conversações entre representantes dos distritos de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Funchal na tentativa de encontrar uma plataforma de entendimento para a defesa no parlamento de uma proposta que conjugasse as concepções que em cada um deles havia sobre o modelo de autonomia a implementar. A diversidade das realidades e da tradição reivindicativa autonomista era, porém, demasiado forte para que tal desiderato fosse alcançado. Para além disso, não seria aceitável impor uniformidade estatutária aos três distritos quando se reclamava a autonomia precisamente a partir do pressuposto de que realidades diferentes exigiam normas legais diferentes no relacionamento entre os órgãos administrativos distritais e o governo.



**Referências Bibliográficas:**

- CORDEIRO, Carlos, *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*, Lisboa, Edições Salamandra, 1999.
- CARREIRO, José Bruno, *A Autonomia Administrativa dos Distritos das Ilhas Adjacentes*, sep, de "Insulana", Ponta Delgada, vol. VIII, n.ºs 1/2 (1952). 2.ª ed., Ponta Delgada, Jornal de Cultura, 1994.
- O volume II da *História dos Açores* dirigida por Teodoro de Matos, etc.
- VERÍSSIMO, Nelson, "O alargamento da autonomia dos distritos insulares, o debate na Madeira (1922-1923). *Colóquio Internacional de História da Madeira*, 2, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1989, p. 493-499.

**Nota Curricular:**

Carlos Cordeiro. Doutorado e agregado em História pela Universidade dos Açores, tendo naquela Universidade sido professor e desempenhado diversos cargos institucionais. A sua investigação centra-se, sobretudo, na história contemporânea dos Açores. É autor ou coautor de diversos livros e artigos publicados em revistas da especialidade a nível nacional e internacional.

**Cláudia Maria Ferreira Faria**  
CEHA/DRC-MADEIRA

**Título:** *Diálogos da história e das vivências- o bombote e a mergulhança no Porto do Funchal*

**Palavras-chave:** porto, bombote, mergulhança, memória

**Resumo:**

À volta de (qualquer) porto, surgem, com alguma frequência, gentes que fazem, no mar, e no movimento dos navios a sua principal fonte de subsistência.

De entre as muitas atividades que se organizam à volta das chegadas e das partidas dos barcos que trazem o mundo à ilha, destacamos o bombote e a mergulhança, pela importância que tiveram na sobrevivência da gentes ribeirinhas e pela poesia que tais ofícios envolvem.

Neste texto, procuramos, então, descobrir de que forma bomboteiros e rapazes da mergulhança foram "escritos" por autores portugueses e estrangeiros que passaram pelo Porto do Funchal e ouvimos o contar de histórias na primeira pessoa, procurando, assim entender que dialogo se estabelece entre História e as vivências.

### **Referências Bibliográficas:**

- AAVV, 2011, org. de SANTOS, *Thierry Proença dos e outros, Funchal (d) escrito, Ensaio sobre representações literárias da cidade, 7 dias, 6 noites.*
- ABREU, João Carlos, 1996, *Dona Joana Rabo de Peixe, Éter.*
- PENNYCOCK, Alastair, 2102, *Language and mobility, Unexpected Places, United Kingdom.*
- SILVA, 2008, *Passaram pela Madeira*, Antonio Marques da Silva, Funchal 500anos.

### **Nota Curricular:**

Cláudia Maria Ferreira Faria, natural de Santa Luzia, Funchal, nascida a 12 de Maio de 1971, professora de Inglês/ Alemão no ensino Secundário na Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de S. Roque, Funchal, ilha da Madeira.

Tem o Bacharelato em Técnicas de Turismo (ISAL) e licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade da Madeira (UMA). Frequentou o curso de mestrado em Cultura e Literatura Anglo-americanas (UMA) onde defendeu a tese intitulada Phelps, Percursos de uma família britânica na Madeira de Oitocentos, sob orientação do Professor Doutor João Adriano Ribeiro, trabalho que foi alvo de publicação em 2008 na coleção Funchal 500anos.

É doutoranda na Universidade Nova de Lisboa na especialidade de estudos culturais com o tema o Diário de Mary Phelps (1839-1843):

um retrato britânico da Ilha da Madeira, sob orientação da Professora Doutora Maria Zulmira Castanheira.

Neste momento encontra-se destacada no Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) e é membro do Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) de Lisboa.

***CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO***

**Casa da Madeira nos Açores  
Ponta Delgada, 2 de julho de 2016**



**Alberto Vieira**  
CEHA/DRC-MADEIRA

**DA MADEIRA AOS AÇORES.  
ESPAÇOS DA MACARONÉSIA NÃO COMPLEMENTARES E,  
POR VEZES, DE CONFLITO**

*E não criou Deus , nem levantou ou descobriu tudo terras chãs e férteis, mas também fez montes e vales, outeiros e campos chãos, terras mimosas e pedregosas, algumas secas e outras regadias, sendo só um elemento com tantas variedades, como a espécie dos homens com tão diversos rostos.*

*As criaturas todas com virtudes, feições, cores, propriedades e qualidades tão estranhas e diferentes entre si, e tudo pera fermosura do Universo, pera, como bom pintor, com diversidade de cousas e cores, realçar com umas a fermosura das outras.*

*Assi também, ou quando logo criou o Mundo, no principio fez terra firme e muitas ilhas, ainda que adiante, ou antes do dilúvio ou depois dele ou com ele, algumas mudanças fossem e se fizessem.*

(Gaspar Frutuoso, *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, 1984, p. 300)

Em finais do século XVI, Gaspar Frutuoso, com as *Saudades da Terra*, define e sintetiza essa unidade insular, aproximando os arquipélagos da Madeira, Açores e Canárias. Esta ímpar situação na historiografia só será retomada na década de quarenta do nosso século pela historiografia europeia e, no presente, pela nova geração de historiadores insulares. Essa consciência histórica da unidade da múltipla realidade arquipelágica será definida, de modo preciso, no século XX, com a ideia de Macaronésia e na expressão braudeliiana de Mediterrâneo Atlântico.

Há uma ligação histórica que marca a História dos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Esta ligação começou a partir da Madeira, porque foi o primeiro arquipélago a merecer ocupação efetiva no espaço atlântico, o lugar onde se estabeleceram formas de governo, estruturas institucionais, sociais e orientações económicas, assim como os produtos que definiram a economia agrícola. Daí a posição ascendente sobre o arquipélago açoriano. Muitos dos primeiros povoadores das ilhas Terceira, Pico e São Miguel, a partir da década de 70 do séc. XV, partiram da Madeira, estabelecendo vínculos genealógicos que ligam ambos os arquipélagos. A mesma opção de transposição institucional foi extensiva à estrutura municipal e da Fazenda Real: nos Açores, vingaram os regimentos municipais do almoxarifado do Funchal do século XV. Depois, as ligações marítimas entre os Açores e o continente que, no decurso do século XIX e XX, implicavam uma escala regular no Funchal, abriram as portas da Madeira a muitos açorianos. Vitorino Nemésio, um entre muitos açorianos, deixou lavrados os registos das suas passagens pelo Funchal, em 1966 e 1973.

Se, em termos humanos e institucionais, o relacionamento foi fácil e evidente, já em termos económicos e políticos surgiram inúmeras dificuldades e adversidades. Primeiro, o senhorio e, depois, a coroa tentaram impor a obrigatoriedade dos Açores como celeiro madeirense. Depois, o discurso e a atividade política, a partir de finais do século XIX, não foram muito favoráveis a uma concertação de interesses. E, se foi a política que, no séculos XIX e XX, dividiu os dois arquipélagos, foram as relações humanas e culturais que favoreceram uma aproximação, mantendo-se alheias às adversidades do foro político e comercial.





